

## Do “Epistemicídio nas Letras” a experiências de educação antirracista: entrevista com as Professoras Maria Angélica Oliveira e Patrícia Silva Rosas<sup>1</sup>

### *Amanda Lopes Bezerra\**

Graduanda no curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atualmente está envolvida no Programa de Iniciação Científica (PIBIC), além de ter participado do Projeto de Residência Pedagógica em Língua Portuguesa (2022) da UFCG, campus sede. Tem interesse na área de Linguística, especialmente por temas que envolvem análise do discurso, o uso das tecnologias no ensino e formação docente.

 <http://orcid.org/0000-0003-1756-7989>

### *Beatriz Farias Almeida\*\**

Graduanda no curso de licenciatura em letras – língua portuguesa, pela Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, e técnica em petróleo e gás pelo Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, campus Campina Grande. Além disso, é bolsista do programa de iniciação científica do CNPQ, com o projeto ENSINO DO LÉXICO EM VIDEOAULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: O TRABALHO COM A SELEÇÃO LEXICAL.

 <https://orcid.org/0000-0002-9792-3703>

### *Denise Lino de Araújo\*\*\**

Professora Titular da Unidade Acadêmica de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde atua como docente na graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino. Tem Pós-doutorado em Educação pela UFMG, Minas Gerais, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-5426-340X>

**Recebido em:** 08 out. 2022. **Aprovado em:** 18 mar. 2023.

**Como citar esta entrevista:** BEZERRA, Amanda Lopes; ALMEIDA, Beatriz Farias; DE ARAÚJO, Denise Lino. Do “Epistemicídio nas Letras” a experiências de educação antirracista: entrevista com as Professoras

---

<sup>1</sup> Entrevista produzida como trabalho final da disciplina TEL Estudos de Currículo, ministrada pela Profa. Denise Lino de Araújo para o curso de Letras Português - UFCG, no período 2021-2. A entrevista com a Profa. Patrícia Rosas deu-se em aula de campo realizada no Instituto Desengavetar, em 21/07/2022. A entrevista com a Profa. Maria Angélica Oliveira foi realizada em sua casa, no dia 01/08/2022.

\*

 [amandalopes034@gmail.com](mailto:amandalopes034@gmail.com)

\*\*

 [beatriz.farias@estudante.ufcg.edu.br](mailto:beatriz.farias@estudante.ufcg.edu.br)

\*\*\*

 [Denise.lino@professor.ufcg.edu.br](mailto:Denise.lino@professor.ufcg.edu.br)



[10.5281/zenodo.7909302](https://doi.org/10.5281/zenodo.7909302)

Maria Angélica Oliveira e Patrícia Silva Rosas. *Revista Letras Raras*, [S.l.], p. 194-205, v. 12, n. 1, abr. 2023.

## Apresentação

Esta entrevista, conduzida pela Profa. Dra. Denise Lino de Araújo e as licenciandas Amanda Lopes Bezerra e Beatriz Farias Almeida, tematiza a questão do racismo e alternativas para abordagem desse tema na educação básica e na formação docente.

O tema veio à tona na disciplina Tópicos Especiais em Estudos Linguísticos (TEL) - Estudos de Currículo, ofertada para o curso de graduação em Letras-Português, na Universidade Federal de Campina Grande. Nesse componente eletivo, discutiu-se sobre princípios para um currículo antirracista a partir do questionamento: qual a contribuição da educação para a reversão dessa situação perversa, no Brasil? Refletindo sobre inúmeras contribuições para um ensino de qualidade e antirracista, pode-se destacar o poder de construir (ou desconstruir) desigualdades e preconceitos, como defende o antropólogo negro Kabengele Munanga (2020): “Só a própria educação é capaz de [...] construir novos indivíduos que valorizem e convivam com as diferenças”. Entretanto, quando pensamos no currículo construído em escolas e universidades de todo o país, encontramos, em sua grande maioria, conhecimentos advindos de uma única visão de mundo: masculina, branca e de classe média/alta, sendo desconsideradas obras, estudos e pesquisas provenientes de outros grupos étnico-raciais.

Esta entrevista, organizada em três partes, foi pensada a partir das inquietações trazidas pela disciplina citada, envolvendo o tema em pauta e o ensino de Língua Portuguesa. Para isso, as entrevistadoras buscaram ouvir autoridades no tema, olhando tanto para a formação acadêmica como para a educação básica.

Na primeira parte, a entrevistada é a Profa. Dra. Maria Angélica Oliveira, em cujo pós-doutorado investigou a questão a partir do conceito de *epistemicídio* que, de acordo com Souza Santos (2008), é um fenômeno ideológico e cultural caracterizado por apresentar uma leitura única da história, passando esta a ser narrada apenas pelo colonizador, desconsiderando as contribuições dos colonizados. O resultado da investigação focalizando currículos de cursos de licenciatura em Letras do estado da Paraíba constatou o apagamento de fontes e saberes pretos/negros.

Na segunda parte, esta entrevista dá voz à Profa. Dra. Patrícia Silva Rosas de Araújo, que atua como docente na educação básica, e é uma das fundadoras e presidente do Instituto



[10.5281/zenodo.7909302](https://doi.org/10.5281/zenodo.7909302)

Desengavetar, um dos vencedores do Prêmio LED – Luz na Educação, em sua primeira edição, no ano de 2022. Esse instituto, cujo objetivo é incentivar o letramento como prática social, foi fundado há 5 anos e tem como público alvo crianças e jovens de escolas públicas do município de Campina Grande.

Na terceira parte, o texto apresenta as considerações finais das entrevistadas sobre o tema. As contribuições das professoras podem ser sintetizadas nas respostas sobre quais saídas são possíveis para a diminuição (ou a reversão) das práticas racistas na escola/universidade. Maria Angélica pontua que “embora o trabalho com a cultura negra e indígena em sala de aula tenha mais de 10 anos, desde a criação da lei 10.639 de 2003 e a 11.645 de 2008, há pouca divulgação desse trabalho”. Patrícia Rosas responde que um dos caminhos está na educação antirracista, multicultural e pluriversal: “Precisamos discutir a questão racial, do empoderamento negro, do posicionamento, das oportunidades e ainda abrir o ciclo para outras pessoas que também são invisibilizadas na nossa sociedade, mas que têm muito a contribuir conosco”.

Com as contribuições dessas duas professoras negras, cujo lugar de fala é o do empoderamento acadêmico e o do envolvimento com a educação pública de qualidade, esta entrevista tem como principal finalidade promover o compartilhamento de experiências distintas sobre a temática da educação antirracista no âmbito da formação docente e no ensino de Língua Portuguesa.

## I - Parte

1- Amanda Lopes: A partir da investigação e análise dos saberes pretos que integram os currículos dos cursos de Letras das universidades públicas do estado da Paraíba, você constatou indícios de decolonização subjacentes a estes documentos?

Angélica Oliveira: Eu não posso dizer que há um epistemicídio total, mas ele é muito subjacente. Há uma tendência e um querer fazer, entretanto eu acho que é mais não saber como fazer que ainda está impedindo que isso aconteça. Nós percebemos, por exemplo, a presença da literatura africana que antes não aparecia nos currículos, encontramos a questão das relações étnico-raciais na própria descrição desses currículos. Então, deparamo-nos com a discussão de



um multiculturalismo, essa é uma semente que começa a germinar, todavia ela precisará de muito adubo, porque o que temos é muito pouco. Posso pensar que 70% da referência bibliográfica é de autores brancos (e, obviamente eu não estou tirando a importância desses autores, eles são muito importantes), mas estudar Frantz Fanon, Dias Nascimento e Lélia Gonzalez também é de suma importância. Então, como me foi perguntado, eu encontro, sim, uma tentativa de decolonialidade, sobretudo nas literaturas, enquanto nas disciplinas de linguística é muito mais raro. Com relação a isso, eu me questiono, por exemplo, se formos pensar na linguística, chegamos à seguinte questão: para que estudamos a língua latina? Porque a língua latina é a base do português. Mas por que a gente não estuda o yorubá? Por que não olhamos também para o tupi? Podemos refletir na mesma direção com relação à literatura na qual não estudamos, por exemplo, a autora maranhense Maria Firmina dos Reis, que é negra e escreve sobre questões negras em suas obras. Assim como Machado de Assis, ela é atemporal, o conto dela intitulado *A escrava* é fabuloso, mas quem já ouviu falar de Maria Firmina dos Reis? Outro caso é quando pensamos em mitologia, já vem a mente mitologia grega. Contudo, quem pensa nos orixás? A gente só pensa nos orixás como coisa demoníaca, coisa de macumba, não é?! Não se traz isso para uma discussão e quando se discute é em uma ocasião pontual. Então, é por isso que eu digo: o negro, assim como também os povos indígenas, tem que parar de ser tema.

2- Denise Lino: De acordo com a sua pesquisa de pós-doutorado, intitulada “Sobre o epistemicídio nas Letras: discursos, poder-saber e verdades”, há pouca presença de disciplinas voltadas para os saberes e/ou influências negras no ensino de literatura e de língua, seja ela língua portuguesa, língua francesa, entre outras. E, mesmo dentro dos componentes curriculares, existe no arcabouço teórico dos componentes uma predominância de autores brancos. Minha pergunta é: de que modo ou quais estratégias poderiam ser mobilizadas para questionar e, por consequência, reformular a episteme ocidentalizada, nos cursos de Letras?

Angélica Oliveira: O primeiro modo é a pesquisa, porque embora o trabalho com a cultura negra e indígena em sala de aula já tenha mais de 10 anos, desde a criação da lei 10.639 de 2003 e a 11.645 de 2008, há pouca divulgação desse trabalho. Então, mesmo existindo muitos trabalhos que discutem a decolonialidade e as teorias antirracistas, nós contamos com pouca divulgação. Eu acho que o primeiro passo é estimular a pesquisa, como Paulo Freire discute no livro *Pedagogia da Autonomia*, a docência não pode se apartar da pesquisa. Acho que o primeiro passo é esse e

a partir disso vamos encontrando outros caminhos. No início da pandemia, lendo o texto de Gabriel Nascimento, *Racismo linguístico*, eu me dei conta de que realmente os meus currículos eram eurocentrados e ocidentalocêntricos e que careciam desse olhar. Por isso eu digo: é através da pesquisa. Quando me dei conta dessa realidade, eu decidi pesquisar. Resolvi voltar a ler Dias do Nascimento e Lélia Gonzalez, que não eram autores pensados quando eu construí meus planos de curso, por exemplo, isso fazia com que esses planos de curso não respondessem a essa demanda. A gente tem que ter consciência de o negro precisa parar de ser o tema, ele tem de passar a ser protagonista. Eu preciso ter teóricos negros para as minhas referências bibliográficas e preciso ter conteúdos que toquem na questão da negritude e que essa questão seja representada como saber, como epistemologia.

3- Amanda Lopes - Até mesmo quando há a abordagem da cultura popular na sala de aula, esta, muitas vezes, é realizada de modo desvinculado do recorte sobre raça. Que efeito isso pode gerar nos alunos?

Angélica Oliveira - De apagamento de uma cultura em relação a outra. De silenciamento. Há um trecho do livro *A cor da Ternura* que quero ler. A professora falando sobre a festa da libertação, a festa seria depois do recreio. A meninazinha/personagem decorou algo sobre Santa Isabel (ênfase). A professora diz: “Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui, eram forçados a trabalhar e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados, às vezes, até a morte.” Então, a autora Geni Guimarães diz (trata-se de uma autobiografia): “E foi ela discursando por uns quinze minutos. Sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosália. Aqueles eram bons, simples, humanos e religiosos. Eram bobos, covardes imbecis, estes que me apresentaram, então. Não reagiam, não se defendiam ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena e sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão e desprezo. Quis sumir, evaporar, não pude. Apenas pude levantar a mão suada e trêmula para pedir para ir ao banheiro. Sentada no vaso, estiquei o dedo indicador e escrevi: lazarento! Era pouco! Acentuei o ê e voltei para a classe. A Sueli veio presentear-me com uma maçã e Raquel, a filha do administrador, ofereceu-se para trocar meu lanche de abobrinha abafada pelo dela de presunto e muçarela. Não os comi. A compensação desvalia. Não era como leite derramado. Era sangue,

quem poderia devolver?! Como estancar?!” Aí ela prossegue... É uma história que traz vergonha, quando você pensa o povo escravizado você pensa como um coitado que não se rebelava, ou se se rebelava era porque era mal agradecido. Então, voltando à questão cultural, quando se trata da cultura apenas por um viés eleger-se um em detrimento de outro. Quando se fala da cultura negra e se fala apenas do futebol, do samba, invisibilizam-se tantas outras coisas. Esse silenciamento se dá inclusive quando se fala. Perguntamos: como eu falo dessa história? Como eu falo dessa trajetória que ao trazer o sujeito negro de África, este passa a existir ... quem é negro? É uma pessoa. O nome negro é criado pelo colonizador. O povo em África não se conhecia por ser negro ou não negro, mas se conhecia por suas tribos, por seus nomes de família. Então, quando eles são trazidos para cá [tudo muda], inclusive a rota dos tubarões muda, de tantos corpos que são jogados ao mar. Quem diz isso é o Laurentino [Gomes, escritor], naqueles livros [trilogia] sobre escravidão: rota dos tubarões mudou. A rota, que não vinha para o Atlântico, passou a vir, em função de tantas presas ao mar. Mas, apesar disto tudo, eu mulher negra, estou aqui falando com vocês, meu povo venceu, apesar disto tudo. Então, não é uma história de derrotados. Essa história de sofrimentos precisa ser contada?! Precisa! Mas essa história não é única como diz Chimamanda Ngozi, não pode ser uma história única. Quando a gente fala dos judeus, do holocausto, há toda uma comoção, mas não é a mesma quando a gente fala do genocídio de Ruanda, em 1994, não foi em 1940, foi em 1994, em que sujeitos negros matavam outros sujeitos negros, como ofício. Então, há um relato de abril de 1994, horrível, sobre como essas pessoas encaravam um ao outro, os Tutsis e Hutus, matavam-se com facão. O matador saía de manhã cedo, voltava à noite, colocava o facão fora de casa e jantava com sua esposa como se tivesse feito uma coisa correta. Nessa história, as culturas foram mal contadas. Essas manifestações culturais precisam ser vistas por vários ângulos e não por uma história única. O Candomblé precisa ser visto por vários ângulos, o samba precisa ser visto por vários ângulos. Os/as mais novos/as não devem lembrar das mulatas de Sargentelli. Naquele programa de TV, o samba coisificava a mulher, isso foi um desserviço, não foi só um espaço de alegria, foi também um espaço de coisificação. Toda manifestação cultural é bem-vinda, mas ela precisa ser problematizada.

4- Denise Lino - Considerando sua pesquisa sobre epistemicídio que princípios para uma educação étnico-racial você poderia nos apontar?

Angélica Oliveira - Uma educação antirracista não é apenas procurar os autores negros. Passa por deixar que o aluno descubra, por exemplo, quem são as escritoras negras das quais não se fala. Indo em busca das que se fala menos vão surgir autoras brancas e também as negras, assim como nas grandes invenções. Há um caminho para seguir sem estar o tempo todo fazendo um levantamento de bandeira. A militância vai estar ali, ela precisa estar ali, mas o aluno não pode pensar que é apenas a militância. Por exemplo, pensar no movimento de cura. Pode-se pensar o movimento de cura no Candomblé, pode-se pensar o movimento de cura no Espiritismo, no Catolicismo. Então, estudando a fé, você encontra os negros. Eu não sabia que no Candomblé se joga pipoca nas pessoas. Então, há um momento [na cerimônia] que se joga a pipoca como se jogassem as bênçãos. Pipoca simboliza benção. É preciso trazer esse movimento de cura, porque tem muita gente boa, fazendo muita coisa boa que se precisa saber.... A nossa sociedade é mesmo laica?! Pegue uma nota de R\$ 2,00. Lá está escrito: Deus seja louvado. Por que não tem Oxalá seja louvado?! Poderia ter? Por que não tem? Então, qual o limite desse laico? Então, tudo isso a gente pode trazer para a discussão porque a gente tem que tornar antirracista.

Quando se pensa no negro, pensa-se em futebol, em samba. Não se pensa em ciência, não pensa em medicina. Pensa-se na festa. Mas, quando se pensa na mulher branca pensa-se na médica, na professora. Na negra, pensa-se na sambista. Essas manifestações são bem vindas, mas precisam ser problematizadas. É como pensar no Natal. Quando se pensa no Natal, pensa-se na neve e tudo o mais. Nesse último, houve aquela série do Papai Noel negro, foi uma problematização. É preciso perguntar: por que o nosso Natal tem que ter neve? Não estou dizendo que não é bonito, é lindo, fantástico! Mas, a gente precisa problematizar. O verão tá a mil aí vem neve do Natal... o que nossas crianças vão pensar?! Elas vão valorizar uma festa tão bonita a partir de uma festa de outra cultura. Um outro exemplo diz respeito à cultura francesa hoje. Quando se pensa nesse tema, pensa-se na cultura de França, mas já penso além, penso na Martinica, na Guiana Francesa, ou seja, penso além do hexágono.

5 - Denise Lino: Como a universidade e a educação básica podem trabalhar juntas para que se construam referências de práticas antirracistas e materiais didáticos?

Angélica Oliveira: Nós precisamos da educação básica, pois lá existem experiências que podem nos ajudar. Isso me faz lembrar de um livrinho que estou terminando de ler, chamado *Outra*



*educação é possível*, que foi escrito por uma professora pesquisadora da educação básica e ela traz várias experiências que têm me ajudado a repensar o ensino a partir das teorias que tenho lido. Então, eu estou sentindo esse retorno, sabe?! Para que eu elabore meu pensamento teórico, pensando em lecionar na pós-graduação, as palavras dessa professora e sua experiência têm me ajudado. Então, a palavra-chave é troca. Não é que a universidade vá ensinar a educação básica como deve ser feito ou o oposto. É o diálogo no melhor sentido bakhtiniano do termo. Sentarmos com os professores da educação básica, não como professores universitários, mas como professores conversando com professores, entende?! Então, a partir disso, elaborar material, juntos, e pensar teorias juntos, como uma troca. Esse diálogo é indispensável porque, quando se pensa na educação antirracista, não é só uma questão de conteúdo, é uma questão de sobrevivência, pois é enorme o índice de crianças pretas que deixam a sala de aula por não serem enxergadas neste espaço. As feridas que são abertas são muito grandes e não é um prejuízo só para a criança preta, a criança branca também perde e perde muito. Eu estava lendo um texto sobre a história da escravidão, no qual se comenta como a escravidão desumanizou brancos e pretos. A escravidão não brutalizou só o homem preto e a mulher preta, a escravidão desumanizou a todos, porque uma pessoa que tem coragem de arrancar todos os dentes de outra pessoa de forma crua, esse sujeito está desumanizado. Então, a desumanização tocou nos dois. Hoje, em sala de aula, quando não se sabe lidar com um conflito racista, homofóbico ou qualquer um desses conflitos que nos desumanizam e que está fazendo o outro menos humano também, está-se diante de uma questão que requer reflexão. Enfrentar essa situação não é só reclamar com o agressor, não é criar um espaço de culpados. É pensar em um espaço de pessoas que estão almejando uma sociedade mais justa que vai além de um conteúdo acadêmico. Qual a contribuição da educação? É conseguir compreender a nossa realidade e problematizá-la.

## II - Parte

Beatriz Almeida: Focalizando, agora, a educação básica, gostaria de saber da Profa. Patrícia Rosas como é trabalhada a temática racial junto aos alunos, no Instituto Desengavetar?

Patrícia Rosas: Nós possuímos um clube de leitura chamado Move Leitor que atualmente está dividido em duas frentes: infantil e infanto-juvenil, mas ainda contamos com poucas obras que trabalham com a temática racial. Esse ano começamos a receber doações e quando a gente



começa a receber esses livros não se tem muito controle dos que entram, todavia eles são catalogados, separados e depois são preparados para ficar à disposição. Encontramos muita demanda: podemos citar a própria questão racial, a questão feminina e até de escritores regionais. Nesse momento, estamos nessa *vibe* de organizar o acervo com a finalidade de possuir o máximo possível de representatividade, para que essas crianças e jovens tenham a visão da diversidade. Mas, de antemão, não é fácil encontrar obras, principalmente para a faixa etária com a qual nós trabalhamos. Obras muito volumosas não funcionam para crianças pequenas, assim também com livros que fujam do interesse deles, já que trabalhamos com a livre procura desses alunos. Não é fácil, pois nós temos aqui representantes negros, pretos, pardos e queremos cada vez mais, digamos, “engrossar o caldo” dessas e de outras demandas.

Beatriz Almeida: Observamos, com frequência, inúmeros projetos de desmonte da educação pública de qualidade, orquestrados pelo próprio governo do país, impossibilitando, desse modo, que jovens oriundos de uma realidade longe da ideal tenham acesso à educação. Rememorando a trajetória do Instituto Desengavetar, e todas as produções que daqui emergiram, quais atividades desenvolvidas possibilitam a emancipação intelectual desses jovens?

Patrícia Rosas: Com a criação do clube de leitura, como falei na resposta anterior, nós descobrimos, no Desengavetar, três passos com relação à leitura: o primeiro, é a gente precisa dar acesso ao livro, isso é uma realidade que se tornou ainda mais forte na pandemia, porque as bibliotecas das escolas foram fechadas. Entrar em contato com os diretores para tentar que os livros dessas bibliotecas fossem liberados, mas não obtivemos êxito. Então, criamos o Delivery Literário com a finalidade de proporcionar esse acesso. O segundo passo é criar hábitos leitores, pois os alunos não saberiam o que fazer com aqueles livros que foram recebidos, então a gente tinha que reunir o pessoal para poder promover discussões sobre o livro, momentos para tirar dúvidas, então é aí que surge o clube de leitura. Só que começamos a perceber que não basta dar acesso ao livro, não basta oportunizar práticas leitoras, é preciso formar o leitor e aí é onde está surgindo, nesse momento, o novo projeto intitulado Mochilê, que tem como finalidade a formação leitora. Então, que as oportunidades o Instituto tem de potencializar a intelectualidade desses meninos? É através da leitura e da escrita. Outro ponto que merece destaque é informar que levamos esses meninos para vivenciar a vida cultural na cidade e na região. Por exemplo,

sempre que possível, nós os levamos para participar de todas as feiras literárias que acontecem na região. Fomos para a feira literária de Boqueirão, onde eles se apresentaram, também marcamos presença na feira literária de Campina Grande. Com isso, vamos capitalizando esses meninos quando os colocamos na vida cultural da cidade. É dessa forma que o Instituto vai fortalecendo a intelectualidade dessas crianças e jovens.

Beatriz Almeida: É incrível essa iniciativa, porque principalmente os jovens em vulnerabilidade, em minorias sociais, acabam sendo excluídos de certos espaços, então, quando conseguimos introduzi-los em práticas de leitura e escrita, logo eles conseguem se apropriar das ferramentas do capitalismo e agirem por si.

Patrícia Rosas: Lembrei de um exemplo, pensando na história do Desengaveta. Vou contá-lo, para fins de registro desse empoderamento cultural. Nós fizemos uma parceria com o cinema e conseguimos levar esses alunos para lá. Para vocês terem uma ideia, quando chegamos ao Shopping, esses meninos ficaram enlouquecidos, porque é um espaço que eles não ocupariam de outra forma. Há jovens da periferia de Campina Grande que nunca foram no centro da cidade e nós os levamos não só para o centro, como também para o shopping e para o teatro, porque o lema do Desengaveta é: “desengavetamos textos, sonhos e oportunidades”. Então, sempre estamos procurando proporcionar essas e outras oportunidades.

Beatriz Almeida: Na tentativa de inclusão da questão étnico-racial nos currículos é comum que a temática do racismo esteja sendo reduzida, desconsiderando contribuições de pretos e indígenas em diversas outras áreas da formação cultural e intelectual do nosso país. Como nós, professoras e pesquisadoras, podemos nos desprender desse reducionismo?

Patrícia Rosas: Quando falamos sobre a questão étnico-racial, sempre lembramos dos pretos ou pardos, mas existe um outro grupo que é muito mais apagado: os povos indígenas. Estamos montando uma coletânea de textos e estamos dando prioridade também aos textos de povos indígenas, como contos e poemas, procurando trazer visibilidade a esse grupo, que também é constantemente apagado. Quando falamos de currículo, sempre tenho em mente que precisamos abrir o ciclo, porque o Brasil é extremamente diverso e a questão racial ainda é muito

grave, a necessidade de falarmos sobre isso é muito grande. Nunca vou esquecer a situação que eu presenciei de uma aluna negra que estava brincando na sala de aula com um menino, ele toca no braço dela e começa a se limpar dizendo: “sai, eu não quero pegar a sua cor”. A menina chora, chora, chora demais e isso a machuca. Esse tipo de situação está dentro da escola?! Está e de maneira muito forte!

### III - Parte

Amanda Lopes: Para encerrar Angélica, quais suas palavras finais sobre esse tema?

Angélica Oliveira: Nos últimos quatro anos que o fascismo tomou conta do nosso país, e eu não tenho como não falar sobre isso, as pessoas perderam a vergonha de serem racistas, de serem homofóbicas, de serem grosseiras, parece que se confunde grosseria com honestidade, se confunde mal educação com ser sincero. Então, se vê muito mais manifestações horríveis: racistas, homofóbicas, todos esses *istas*. As pessoas podem dizer assim: é porque você é petista que você está dizendo isto. Não! Há dados que comprovam muito bem que isso se agravou. As pessoas começaram a achar que tinham liberdade de chamar o outro de macaco, embora se saiba que isto é crime. Não seria punido por tal ação. Ora, se o legislador máximo pode fazer determinadas coisas, então, eu também posso. Isso é muito preocupante, é muito ruim, mas como tudo que é ruim tem um lado bom. Neste caso, isso deu força! Muito mais cursos antirracistas estão aí, virou uma moda. Esse apertar o outro fez com que nascesse um grito muito maior. Recentemente, eu vi um curso da USP que vai abordar essas questões. Muitos professores da rede pública estão se inscrevendo, ouvindo falar sobre isso. Então, muita coisa tem mudado e vai mudar. No âmbito de uma educação antirracista eu não preciso todo o tempo está sobre falando o tema. Não é isso! Uma educação antirracista não é só isso. Eu posso pedir para que meus alunos investiguem sobre as grandes invenções, as grandes descobertas. Quem inventou?! Tem muita gente preta que inventou muita coisa boa, mas isso não é dito. Então, quando o aluno investiga as grandes invenções, necessariamente vai encontrar sujeitos negros que fizeram grandes invenções.

Beatriz Almeida: E você, Patrícia, quais suas palavras finais?



Patrícia Rosas: Precisamos discutir a questão racial, do empoderamento negro, do posicionamento, das oportunidades e ainda abrir o ciclo para outras pessoas que também são invisibilizadas na nossa sociedade, mas que têm muito a contribuir conosco; por exemplo, a questão do LGBTQIA+ também precisa ser debatida e trazida para o centro. Então, o Instituto Desengavetar tem um desafio, porque ele nasceu na periferia, com uma enorme diversidade. Podemos citar também a questão religiosa, porque trabalhamos com pessoas de diversas religiões e esse assunto sempre está presente em nossas discussões, então são três coisas que a gente precisa realmente discutir e trabalhar nesse caldeirão que é a diversidade: racismo, questão LGBTQIA+ e religião, mas não é fácil! Precisamos ter leitura, formação, precisamos escutar e buscar. Tem hora que não dá para lutar todas as lutas.

## Referências

TUDOEDUCA. Caminhos para uma educação antirracista. **Youtube**, 10 de jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ihQxsZvbNH8&t=2849s>. Acesso em: 26 de ago. 2022.

